



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
CONVALIDAÇÃO BACHARELADO DE TEOLOGIA

**EDIVALDO SANTOS DE OLIVEIRA**

**UMA PERSPECTIVA MARIANA PARA A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL:  
A ALEGRIA ESPIRITUAL**

ANÁPOLIS /GO

2015

**EDIVALDO SANTOS DE OLIVEIRA**

**UMA PERSPECTIVA MARIANA PARA A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL:  
A ALEGRIA ESPIRITUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis no curso de bacharelado em Teologia na disciplina TCC sob a orientação do Professor Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS /GO

2015

## FOLHA DE APROVAÇÃO

EDIVALDO SANTOS DE OLIVEIRA

UMA PERSPECTIVA MARIANA PARA A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL:  
A ALEGRIA ESPIRITUAL

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em 19 de Fevereiro de 2016, com nota \_\_\_\_\_ avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto - Faculdade Católica de Anápolis

---

Prof. Padre Françoá Costa

---

Prof. Padre Fábio Barbosa Aparecido

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 - RELEVÂNCIA DA VIRGEM MARIA PARA O CONHECIMENTO DE DEUS...</b>	7
1.1 - DOIS LIVROS .....	8
1.2 - TERCEIRO LIVRO .....	12
<b>2 - A ALEGRIA ESPIRITUAL</b> .....	14
2.1 - MATERNIDADE DIVINA E SACERDOTAL .....	14
2.2 - A ALEGRIA CONSIDERADA NA SANTÍSSIMA VIRGEM .....	18
<b>3 - A ALEGRIA NOS SACERDOTES</b> .....	19
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## INTRODUÇÃO

O problema da identidade do ministério sacerdotal é, atualmente, um dos mais relevantes na Igreja Católica<sup>1</sup>. E essa questão de identidade, relaciona-se, incontestavelmente, fundamentando-a, com a questão da formação do sacerdote, sob seu duplo aspecto intelectual e espiritual.

Ao voltar o olhar para as fontes espirituais do sacerdócio ministerial, a fim de nortear um retorno ao plano inicial de Deus, e indagarmos sobre a origem e os caminhos trilhados por Ele na sua fundação e estabelecimento, uma figura com a qual nos deparamos é indubitavelmente a figura da Santíssima Virgem Maria.

Desde o começo do mundo, já preconizada no livro do Gênesis no chamado 'Protoevangelho', a história da salvação está intrinsecamente ligada à Virgem Maria, e sob sua maternidade é posta a descendência salvífica: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça" (Gn 3,15).

O mistério da Encarnação vem dar início a essa geração, a essa descendência salvífica. Jesus Cristo é Filho de Deus feito homem, é Verbo Encarnado, o filho de Maria Santíssima, o qual é Cabeça de toda Igreja, seu corpo místico, e assim como na ordem natural a geração da cabeça e dos demais membros se dão numa única mãe, assim também na ordem sobrenatural, a Mãe da Cabeça da Igreja é também a Mãe dos demais membros deste corpo espiritual. Jesus Cristo ao fazer-se, livremente, filho de Maria Santíssima estabeleceu a mesma relação para todos os membros de sua Igreja, e dado que o vínculo escolhido foi a relação entre mãe e filho, temos que a Virgem Maria é para o corpo místico de Cristo, tudo o que uma mãe é para seu filho, neste 'tudo' inclui-se a missão de educadora.

O ser de Jesus Cristo em toda sua profundidade, complexidade e plenitude entrou em relação com Maria Santíssima, adotando a relação de gerado e geradora, de filho e mãe, a ponto de o Concílio de Éfeso a proclamar solenemente *Theotokos* Mãe de Deus. Nessa plenitude de Cristo, nascida de Maria Virgem está também seu

---

<sup>1</sup> Cfr, por exemplo: ARNAUD, J.-L. *Prêtre catholique en Europe occidentale aujourd'hui : un « métier » en constante mutation*. Jean-Pierre Delville (dir.), *Mutations des religions et identités religieuses*. Paris – Louvain-la-Neuve, Mame/Desclée – Institut Religions Spiritualités Cultures Sociétés, 2012 (*Théologie*) p. 273-287.

sacerdócio, pois tudo o que Cristo é está em íntima relação com a Virgem Maria, dado que ela o gerou.

Pôr em relevo algumas virtudes da Virgem Maria, seu modo de operar a fim de delinear-lhe, espiritualmente o rosto, ainda que modestamente, tornando-o visível à contemplação e imitação dos sacerdotes, para assim se reaproximarem do plano divino para o sacerdócio ministerial, é o escopo desse trabalho.

## 1 - RELEVÂNCIA DA VIRGEM MARIA PARA O CONHECIMENTO DE DEUS

Ensina-nos São Tomás: *Bonum est diffusivum sui esse* “O bem é, por si, difusivo” (AQUINO, 2001, I, Q. 5, a 4, tradução nossa), ou seja, todo bem tende naturalmente a comunicar-se, a difundir-se. Assim, por exemplo, Nosso Senhor Jesus Cristo, possuindo o bem da vida na sua plenitude “Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também o concedeu ao Filho possuir a vida em si mesmo” (Jo 5,26), a ponto ser a vida “Eu sou a vida” (Jo 14,16), quis transmiti-la: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Pelo mesmo motivo, o mestre quer transmitir seu saber, o qual é vida intelectual, e os pais a vida biológica.

Deus é o sumo bem, e por isso é infinitamente difusivo, comunicativo. Assim quis Ele, livre de qualquer necessidade, criar seres que pudessem participar de sua felicidade.

Nesse sentido, a criação é um chamado de Deus, um convite às criaturas dotadas de inteligência, a uma felicidade sem fim que, Ele, sumo bem, tem na posse de si mesmo “Vinde servo bom e fiel, entra na alegria do teu senhor” (Mt 25,23). É um ato de amor, pois “amar alguém é propriamente querer para ele o que é bom” (AQUINO, 2001, I, Q. 20, a.3, resposta).

O amor é “uma força unificadora e um princípio de coesão” (AQUINO, 2001, I, Q. 20, a.1, sol. 3). Enquanto unificador o amor visa unir, quanto possível, a coisa boa a alguém (cf. AQUINO, 2001, I, Q. 20, a.1. sol.3). Assim Deus nos quer junto dele no céu por toda a eternidade. Enquanto princípio de coesão, o amor “integra o outro a si próprio, comportando-se com ele como consigo mesmo” (AQUINO, 2001, I Q. 20, a.1, sol. 3). Deus ao criar os anjos e os homens para possuí-lo trata-os como a si mesmo, pois lhes dá, como fim, o mesmo bem com que Ele é feliz, o qual não é outro senão Ele mesmo.

Para possuir esse bem infinito que é Deus, atingindo a finalidade para qual fomos criados, é necessário conhecê-lo, pois “ninguém pode amar uma coisa desconhecida. Assim, pois, o conhecimento é a causa do amor pela mesma razão de que o bem não pode ser amado se não é conhecido” (AQUINO, 2001, I-II, Q. 27, a.2). Para amar, para possuir a Deus, é preciso antes conhecê-lo: “Porque certamente nada pode ser amado se não for conhecido, assim também é exigido o conhecimento de Deus para o amor da caridade” (AQUINO, I *ad Cor.* 13,4). Não há, portanto, amor sem verdade, nem caridade sem a fé.

Toda a criação tem como fim manifestar a glória de Deus, fazê-lo de certo modo cognoscível, visível e, assim, podendo ser amado: “Porque as coisas invisíveis dele, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis; e assim o seu poder eterno e sua divindade” (Rm 1,20). Assim como a luz é refratada por um prisma resultando na diversidade das cores, assim também a luz da perfeição divina se difunde na esplêndida variedade dos seres.

*La gloria di Colui che tutto move  
per l'universo penetra e risplende  
in una parte più e meno altrove.*<sup>2</sup> (ALIGHIERI, 1321, p. 33)

## 1.1 - DOIS LIVROS

Diz São Boaventura:

De tudo isso que acabamos de dizer, pode-se concluir que a criação do mundo é semelhante a um livro no qual brilha, é representada e é lida a Trindade criadora segundo um tríplice degrau de expressão por modo de vestígio, de imagem e de semelhança. A ideia de vestígio se encontra em todas as criaturas; a ideia de imagem, apenas nas criaturas inteligentes ou espíritos racionais; a ideia de semelhança, nas criaturas deiformes [portadoras da graça santificante]. Como por degraus de uma escada, a inteligência humana é capaz de se elevar gradualmente até o princípio soberano, que é Deus (BONAVENTURE, 2005, 11).

Um livro pode ser tomado em sentido largo como um conjunto ordenado de palavras. O mundo tendo sido criado por Deus por meio de sua palavra é comparável a um livro: “Deus disse: “Faça-se a luz! E a luz foi feita. ” (Gn 1,3). Tudo foi feito por Deus por meio de sua palavra, de seu Verbo “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus”; “Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). O mundo é enfim parecido com Deus: “Uma vez que todo agente produz um ser semelhante a si, o princípio da ação pode ser considerado por seu efeito: é o fogo que gera fogo” (AQUINO, 2001, I, Q. 45, a.6). Toda causa produz um efeito que lhe é semelhante, e por isso, pelo efeito pode se conhecer a causa, donde a expressão de Nosso Senhor nas Escrituras: “pelo fruto se conhece a árvore” (Mt

---

<sup>2</sup> “A glória d'Aquele que tudo move, no universo, penetra e resplandece, numa parte mais do que noutra.” Tradução nossa.

7,6). Assim, por exemplo, os filhos, que são efeito ou fruto de seus pais, lhes são parecidos.

Devido à sublimidade e elevação do ser de Deus: “É como está escrito: Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (ICor 2,9), e também às próprias limitações do ser humano, que foram agravadas pelo pecado original, a leitura do livro da criação tornou-se em extremo árdua, e sujeita a muitos enganos:

Até mesmo com relação ao que a razão humana pode pesquisar a respeito de Deus, era preciso que o homem fosse também instruído por revelação divina. Com efeito, a verdade sobre Deus pesquisada pela razão humana chegaria apenas a um pequeno número, depois de muito tempo e cheia de erros (AQUINO, 2001, I, Q. 1, a.1).

Tirarás dela [da terra] com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto (Gn 3,19).

Por isso, Deus em sua infinita misericórdia, bondade e sabedoria, legará aos homens um segundo livro, a Sagrada Escritura, que é parte integrante da revelação:

Ora, esta revelação sobrenatural está contida, consoante não-lo ensina a crença da Igreja universal, já nas tradições orais, já nos livros sagrados e canônicos, assim chamados, pelo fato de haverem sido escritos sob o influxo do Espírito Santo, têm a Deus por autor e como tais foram confiados à sua Igreja (PAPA LEÃO XIII, *Providentíssimus Deus*, 1903, p. 4).

Assim, para que a salvação chegasse aos homens, com mais facilidade e maior garantia, era necessário que fossem eles instruídos a respeito de Deus, por uma revelação divina. Portanto, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão, era necessária uma doutrina sagrada, tida por revelação (AQUINO, 2001, I, Q. 1, a.1, *sed contra*).

Desse modo o homem pode através da sabedoria filosófica remontar até a Causa das causas, que é Deus. Pela sabedoria teológica, aceitando as verdades reveladas, ele pode contemplar o Verbo encarnado e nele a Deus Pai “Filipe, aquele que me vê, vê também o Pai” (Jo 18,9).

Sobre a Sagrada Escritura, diz o Papa Francisco:

Os textos inspirados por Deus são confiados à Comunidade dos fiéis, a Igreja de Cristo, para alimentar a fé e guiar a vida de caridade. O respeito desta natureza profunda da Escritura condiciona a mesma validade e eficácia da hermenêutica bíblica. Isto resulta na falta de qualquer interpretação subjetiva ou simplesmente limitada a uma análise incapaz de acolher em si aquele sentido global que, ao longo dos séculos, constituiu a Tradição de todo Povo de Deus, que *in credendo falli nequit* (Conc. Ecum. Vat. II, Cost dogm. *Lumen gentium*, 12) (PAPA FRANCISCO, *Discurso à Pontifícia Comissão Bíblica*, 12 de abril de 2013).

A criação e as Sagradas Escrituras constituem, pois, dois livros, os quais nos dão em graus diversos de perfeição, o conhecimento a respeito de Deus. Ambos nos falam do Verbo de Deus. Evidentemente, as Escrituras constituem um livro superior e mais perfeito que o livro da criação. O mundo nô-lo apresenta sob o véu da analogia e do símbolo criados. As Sagradas Escrituras sob os diversos véus da palavra divina escrita:

É, então conveniente que na Escritura Sagrada as realidades espirituais nos sejam transmitidas por meio de metáforas corporais. É o que diz Dionísio: 'O raio da luz divina só pode refulgir para nós envolvido na diversidade dos véus sagrados' (AQUINO, 2001, I, Q. 1, a.9).

Relacionando os dois livros, o mundo e a Sagrada Escritura, ao comentar o pensamento de Santo Agostinho, diz H. Paissac:

A Sagrada Escritura nos significa as ideias de Deus, como uma carta exprime o pensamento de seu expeditor. As palavras da Escritura são como o revestimento material e frágil das ideias divinas. Mas uma outra escritura nos põe em relação com essas mesmas ideias: as coisas do mundo são, com efeito, uma participação às ideias de Deus, como um outro revestimento material realizado pelo divino artista para traduzir seu pensamento. Essas palavras, as próprias criaturas, são, com as palavras da escritura inspirada, a expressão das ideias; essa expressão parece-se com o que exprime como um vestígio ou imagem.

Lia-se atentamente a Sagrada Escritura, procurando compreender o sentido de suas frases; ler-se-á com a mesma atenção a Criatura, esforçando-se por procurar o sentido de suas imagens, de seus vestígios.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Nesse parágrafo o autor está citando, embora não o indique em seu texto, a AGOSTINHO, Santo. *Sobre e Trindade*. II, 1, 1.

Esse novo método em vista de penetrar no mistério é, aos olhos de Santo Agostinho, tão legítimo e frutuoso quanto o primeiro. Ele permite, mesmo, uma compreensão mais profunda, pois é uma maneira mais íntima de adiantar-se no conhecimento de Deus (PAISSAC, 1941, p. 48. Tradução do francês nossa.).

Voltando à metáfora do véu, utilizada por São Tomás, assim como o véu tem a característica de manifestar algo daquilo que é por ele recoberto, e, ao mesmo tempo ocultá-lo em parte, assim também os véus da Escritura e do mundo nos manifestam algo de Deus, e em parte nô-lo ocultam, e isso, por três razões.

Em primeiro lugar, porque transcendendo Deus a toda criatura, não pode ser abarcado por nenhuma delas “Se o céu e os céus dos céus não vos podem conter quanto menos esta casa que edifiquei!” (1Rs 8,27), ou seja, a verdade sobre seu ser não pode ser totalmente expressa por nenhuma criatura, nem contida por nenhuma inteligência, nem angélica, nem humana. Embora possamos conhecer algo, muito maior é o que permanece oculto, velado a nós.

Em segundo lugar como ensina o papa Leão XIII, a obscuridade, o velamento, aquilo que torna difícil a extração de certas verdades contidas nas Escrituras, serve para aguçar a inteligência humana no desejo de desvendar e reter o que foi ensinado por Deus, bem como para torná-la humilde, reconhecendo a necessidade de uma luz segura que a guie na aquisição de tal verdade:

Não é, pois, de admirar que os Livros sagrados apareçam envolvidos em certa obscuridade religiosa, de modo que ninguém ouse estudá-los sem luz que lhe ilumine os passos. Assim o dispôs a providência divina, no sentir comum dos Santos Padres, para que os homens os estudassem com mais vontade e diligência e ficassem profundamente gravados em sua alma os conceitos havidos com esforço, e, sobretudo, entendessem que Deus confiou as Escrituras à sua Igreja, como a mestra e guia segura e intérprete fiel da sua palavra (PAPA LEÃO XIII, 1903, p. 25).

Em terceiro lugar, para proteger a verdade sagrada, e as coisas santas, daqueles que são indignos delas: “Ele respondeu: A vós é concedido conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas; de forma que vendo não vejam, e ouvindo não entendam” (Lc 8,10) e também: “Não lanceis aos

cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedacem” (Mt 7,6).

O livro do mundo e livro das Escrituras Santas são obras do Verbo eterno de Deus, e é Dele que eles falam, é a Ele que eles guardam, velam. O Verbo está no mundo revestido pelos vestígios, pelas imagens, pelas semelhanças, e nas Escrituras revestido pelo véu da palavra inspirada por Deus aos hagiógrafos.

## 1.2 - TERCEIRO LIVRO

Ora, se aquilo que contém a Palavra Divina, o Verbo, pode ser comparado a um livro, e se tanto mais perfeito é o livro quanto mais clara e perfeitamente ele nos traz esse Verbo, podemos subir mais um degrau, e atingir o cume dessa analogia com Nossa Senhora, que nos dá o Verbo em pessoa, o qual portou em si durante nove meses.

É, pois, a santíssima Virgem um livro, o terceiro nessa escada analógica, o livro que nos dá o Verbo Encarnado, “cheio de verdade” (Jo 1,4), a plenitude do conhecimento de Deus.

Desse modo importa muitíssimo para atingir o fim para o qual fomos criados – conhecer e amar a Deus – conhecer e ler o terceiro grande livro que nos foi dado por Deus, Maria Santíssima: “Desejais conhecer Deus? Lede Maria como um livro” (ROSCHINI, 1960, p. 10). Também a isso nos exorta São Pio X dando-nos a Virgem Maria como caminho seguro para se chegar ao conhecimento de Deus: “Não, ninguém no mundo conheceu Jesus a fundo como ela [a Virgem Maria]; ninguém é melhor mestre e melhor guia para dar a conhecer Jesus” (S. PIO X, §5-6, 1904).

Também São João Eudes insiste no papel de Nossa Senhora para o conhecimento de Deus, utilizando, justamente, a metáfora do livro:

[O Coração de Maria] é um livro vivo um evangelho eterno, no qual o Espírito Santo escreveu com letras de ouro essa vida admirável. É nesse Livro de vida que devemos estudar sem cessar para aprender a conhecer perfeitamente e a amar ardentemente a beleza arrebatadora de todas as virtudes cristãs, cuja prática concede a verdadeira vida. Mas, sobretudo, devemos estudar nele as excelências maravilhosas da santa humildade e os meios de praticá-la de esmagar inteiramente em nossos corações a maldita serpente do orgulho e da vaidade que causa um tão terrível dano não apenas às almas do filho da perdição, mas até nos corações dos filhos de Deus. Ó Mãe de Bondade,

quanto estamos obrigados a honrar vosso amabilíssimo coração, no qual conservastes tão preciosos tesouros, pelos quais sejais bendita eternamente. Dignai-vos conceder que nossos nomes sejam inscritos nesse Livro de vida, e que nele estudemos cuidadosamente as belas verdades e santas máximas que nele estão escritas. [...]

[A Virgem Maria] é o maior e mais eficaz auxílio para o conhecimento e amor de Cristo. [...]

Na verdade, que seja por Maria, e sobretudo por ela, que encontramos o caminho para o conhecimento de Jesus, ninguém poderá duvidar, se considerarmos, entre outras coisas, que no mundo somente ela teve com ele, sob o mesmo teto e numa familiaridade íntima de 30 anos, essas relações estreitas que são próprias da mãe e filho. Os admiráveis mistérios do nascimento e da infância de Jesus, máxime os que respeitam à sua Encarnação, princípio e fundamento de nossa fé, a quem poderiam ter sido desvendados mais amplamente que à sua Mãe?

Segue-se, como consequência, que jamais alguém será mais poderoso que a Virgem para unir os homens a Cristo, como já o temos insinuado. Se, com efeito, segundo a doutrina do Mestre divino, 'a vida eterna consiste em que eles te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, que tu enviaste' (Jo 17, 3); como por Maria chegamos ao conhecimento de Jesus Cristo, por ela também nos é mais fácil adquirir a vida, da qual Ele é o princípio e a fonte (EUDES, 1681, p. 644, tradução do francês nossa).

Nossa Senhora pode então ser lida como um livro, ser seguida como uma mestra segura para alcançarmos a plenitude da verdade em Cristo "Eu te darei uma Mestra [Virgem Maria], e sob a disciplina dela tu poderás tornar-te sábio" (LEMOYNE, 1987, p. 42, tradução do italiano nossa).

Ensinam-nos os Padres da Igreja que assim como a água, simbolizando a humildade, buscando sempre os lugares mais baixos, encontra o mar, assim também todas as graças de Deus foram buscar o coração humilde de Nossa Senhora constituindo-a a Medianeira e a Dispensadora de todas as graças. Pelo mesmo motivo todas as verdades, e a Verdade Encarnada, buscou refúgio no coração desta Virgem Bendita. Dirijamo-nos também para esta casa da verdade, para esta morada da Sabedoria Encarnada a fim de encontrar instrução, pois é amando-a e aceitando como mãe, como educadora e formadora do sacerdócio que encontraremos a plenitude do sacerdócio tal qual desejou-a Cristo e a formulou como testamento na cruz: "Filho eis aí tua mãe" (Jo 19,27).

Podemos observar na saudação angélica e nas circunstâncias da Anunciação, sete características da espiritualidade mariana adequadas à formação e à vida sacerdotal: a alegria espiritual, a santidade, a oração ou vida na presença de Deus, a humildade, a renúncia ou santa indiferença, o amor à Eucaristia e a perfeita imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Neste trabalho, entretanto, será abordada apenas a primeira característica: a alegria espiritual.

## 2 - A ALEGRIA ESPIRITUAL

“Maria, da qual nasceu Jesus” (Mt 1,16)

Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Soberano Sacerdote, nasceu da Virgem Maria. Para vir a ser um outro Cristo-sacerdote é necessário o mesmo caminho, seguir os mesmos passos do Filho de Deus: é necessário ser chamado por Deus Pai, e também é necessário ter, por assim dizer, o consentimento, a colaboração de Maria Santíssima. É preciso ser filho de Deus, e filho de Maria.

De onde vem o sacerdócio de Cristo? São Paulo nos responderá. O sacerdócio é de uma tal grandeza que ninguém, nem mesmo Cristo em sua humanidade pôde glorificar a si mesmo: ‘Ora, ninguém toma para si esta honra, senão quando é chamado por Deus... assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote’ Depois ele continua: O próprio Deus Pai estabeleceu seu filho Sacerdote eterno, Ele disse: ‘Tu és meu Filho, hoje te gerei.... Tu és sacerdote para sempre’ (Hebr. 5,4-6) [...] Desse modo, o sacerdócio é um Dom do Pai à humanidade de Jesus [...] E Maria responde: ‘Faça-se em mim segundo vossa palavra’ (Lc. 1,35,38). Nesse momento divino, é consagrado o primeiro sacerdote e a voz do Pai ressoou no céu: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’ (Ps. 109, 4) (MARMION, 1952, p. 15-16), tradução nossa.

### 2.1 - MATERNIDADE DIVINA E SACERDOTAL

A Igreja é o corpo Místico de Cristo, cuja cabeça é o próprio Jesus Cristo. Ora, assim como na ordem da natureza uma só é a mãe que gera a cabeça e os membros, assim também na ordem espiritual Nossa Senhora, gerando a Cabeça da Igreja, tornou-se também a mãe de todos seus membros. Essa verdade foi proclamada do

alto da cruz, pela própria Sabedoria Encarnada, ao dirigir-se a sua Mãe e a seu discípulo predileto, São João Evangelista, dizendo “Mulher eis aí teu filho” (Jo 19,26). Aqui, sem dúvida, São João representa todos os fiéis, mas não apenas estes, senão, mais precisamente, ele aí representa todos os sacerdotes:

Em São João, nós podemos ver todas as almas fiéis das quais Maria tornava-se mãe; mas, não esqueçamos, ele havia sido ordenado sacerdote na véspera à noite. Dessa forma, ele representa especialmente a universalidade dos sacerdotes (MARMION, 1952, p. 317).

Ele representa os sacerdotes e, por que não dizer, os Apóstolos, pois São João era também Apóstolo, e o apóstolo predileto. Por essa razão, Nossa Senhora é bem nomeada “*Mater Ecclesiae*” (Ladainha Lauretana), pois é mãe de todos os membros místicos de Cristo, qualquer que seja o seu nível de configuração a Cristo. Nosso Senhor foi chamado ao sacerdócio pelo Pai, e recebeu também d’Ele o poder de chamar outros: “ Todo o poder me foi dado no Céu e na terra. ” (Mt 28,18). “E, indo mais adiante, Ele viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, em uma barca com Zebedeu pai deles, consertando suas redes; e Ele os chamou” (Mt 4,12).

Assim, São João ouviu o chamado e recebeu sua vocação diretamente de Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e pelo mesmo Cristo ele foi feito filho de Maria. Do mesmo modo, todos os padres devem ser chamados por Cristo e, de algum modo, devem também ter por mãe, e formadora a Virgem Maria. Essa relação fundamental é contemplada pelo magistério da Igreja:

Existe uma relação essencial... entre a Mãe de Jesus e o sacerdócio dos ministros do Filho. Essa relação decorre daquela que existe entre a maternidade divina de Maria e o sacerdócio de Cristo. É nessa relação que tem sua origem a espiritualidade mariana do padre. Não se pode dizer que a espiritualidade sacerdotal seja completa se não leva em consideração o testamento de Cristo crucificado que quis confiar sua Mãe ao discípulo bem-amado e, através dele, a todos os padres chamados a continuar sua obra de redenção (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, s.d., §84).

Também o Papa Bento XVI estabelece a relação entre a formação sacerdotal e a Virgem Maria:

Antes de morrer, Jesus vê a Mãe aos pés da Cruz; e vê o filho predileto, e este filho predileto certamente é uma pessoa, um indivíduo muito importante, mas é mais: é um exemplo, uma prefiguração de todos os discípulos amados, de todas as pessoas chamadas pelo Senhor para ser 'discípulo amado' e, por conseguinte, de modo particular também dos sacerdotes. (...)

Pela sua identificação e conformação sacramental com Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, cada sacerdote pode e deve sentir-se verdadeiramente filho predileto desta Mãe excelsa e humilíssima (PAPA BENTO XVI, 2009, §3).

A Igreja vê a Santíssima Virgem como Mãe do sacerdócio e lhe atribui um papel fundamental ao considerá-la formadora do sacerdote, de seu coração de sua espiritualidade:

Todo presbítero sabe que Maria, porque mãe, é também a mais eminente formadora do seu sacerdócio, uma vez que é Ela que sabe modelar o seu coração sacerdotal, protegê-lo dos perigos, dos cansaços, dos desencorajamentos e de vigiar, com materna solicitude, para que ele possa crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf Lc 2, 40) (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, s.d., §85).

Ela é uma formadora cheia de sabedoria, a Sede da Sabedoria, *Sedes Sapientiae* (Ladainha lauretana), a Virgem Sábia por excelência, que conservava todas as coisas no vaso sagrado de seu coração. Casa que foi construída e habitada pela Sabedoria Divina, o Filho de Deus: "A sabedoria edificou para si uma casa, lavrou suas sete colunas" (Pr 9,1); "Bem-aventurada Mãe de Deus, Maria Virgem perpétua, templo de Deus, sacrário do Espírito Santo" (BREVIARIUM ROMANUM, 2008, vol 2 p. [171] tradução nossa)<sup>4</sup> e também "Deus eterno e onipotente, que preparaste, com a cooperação do Espírito Santo, o corpo e alma da gloriosa Virgem Maria a fim de se tornar uma digna morada para teu Filho" (BREVIARIUM ROMANUM, 2008, vol 2 p. [386] tradução nossa)<sup>5</sup>

A Divina Sabedoria quis viver no seio puríssimo da Santa Virgem Maria e transformá-la num molde sacerdotal. Enfim, a Sabedoria Encarnada viveu durante trinta anos em sua companhia, a fim de lhe confiar todos os seus segredos, os segredos da arte de formar santos sacerdotes.

<sup>4</sup> Texto original latino: *Beata Dei Genitrix, Maria Virgo perpétua, templum Domini, sacrarium Spiritu Sancti*. Trata-se da antífona do canto *Benedictus*, por ocasião do *Officium sanctae Mariae in Sabbato*

<sup>5</sup> Texto original latino: "*Omnipotens sempiternus Deus, que gloriosae Virginis matris Mariae corpus et animam ut dignum Filii tui habitaculum effici mereretur, Spiritu Sancto cooperando praeparasti*". Oração para conclusão da Salve Rainha do tempo *per anum*.

Santo Agostinho chama a Santíssima Virgem de *forma Dei*, o molde de Deus (*Si formam Dei te appellem digna existis*), o molde próprio a formar e a moldar deuses. Aquele que foi posto nesse molde divino é rapidamente formado e moldado em Jesus Cristo e Jesus Cristo nele. Com pouco trabalho e em pouco tempo, ele se transformará em deus, já que foi posto no mesmo molde que formou um Deus (MONTFORT, 2002, p. 639, tradução nossa).

Não há nenhuma dúvida de que a Virgem recebeu, como Cristo, segundo um modo eminente, o dom de sabedoria, a graça dos milagres e até o dom da profecia... O exercício do dom de sabedoria que toca à contemplação, ela o teve, com efeito: “Maria, diz São Lucas, conservava todas essas coisas, meditando-as em seu coração (AQUINO, 2001, III, Q. 27, a.5, sol.3).

Se o Espírito Santo nos diz que quando se encontrou um homem sábio, é preciso frequentá-lo, a fim de escutá-lo e de aprender, “Se vês um homem sensato, vai encontrá-lo assim que amanhece e que teu pé esteja frequentemente à soleira de sua porta” (Eclo 6,36), o padre, sobremaneira, tem necessidade de escutar a Santíssima Virgem e de tornar-se seu filho a fim de ser verdadeiramente padre, sacerdote. “Depois disse ao discípulo, eis tua Mãe” (Jo 19, 27).

Mas somente são seus filhos e devotos os que sabem imitar as virtudes de sua Mãe. O padre, pois, contemplará Maria para ser um ministro humilde, obediente, casto e para dar testemunho da caridade em um dom total ao Senhor e à Igreja (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, s.d., §85).

A contemplação da Virgem Maria e o descrevê-la, não é, porém, coisa fácil de realizar, pois “*de Maria nunquam satis*”, como diz São Bernardo, mas, em todo caso, tentemos fazê-lo, tendo como guia o Arcanjo Gabriel e seu diálogo com a Santíssima Virgem, a fim de observar alguns pontos da santidade sublime dela que possam ser úteis aos padres e que, impregnados de seu perfume, possamos atrair Nosso Senhor e ser atraídos por Ele. “Atraí-nos, ó Virgem imaculada, e correremos detrás de ti sob o perfume dos teus bálsamos” (BREVIARIUM ROMANUM, 2008, vol 1 p. 1099) tradução nossa) <sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Texto original latino: *Trahe nos Virgo Immaculata, post te curremus in odorem unguentorum tuorum*. Trata-se da 5ª antífona do Ofício de Vésperas para a Festa da Imaculada Conceição – 8 de dezembro.

## 2.2 - A ALEGRIA CONSIDERADA NA SANTÍSSIMA VIRGEM

“Entrando o Anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave” (Lc 1, 28)

A palavra empregada no texto de São Lucas tanto no latim da Vulgata quanto no português, ‘Ave’, traduz o verbo do original grego *χαίρει* (*kaire*), que conserva em si o peso de seu sentido primitivo e nos conduz para além de uma simples saudação, ao falar-nos de uma verdadeira convocação à alegria: “Rejubila-te!” (Lc 1,28).

É importante notar que as primeiras palavras dirigidas pelo Arcanjo à Santa Virgem sejam um apelo à alegria, para nos revelar que a melhor disposição para receber o dom de Deus é a alegria. Deus virá aos homens, dar-se-á aos homens e deseja ser recebido com alegria.

Sabe-se que a posse do bem proporciona alegria e repouso à vontade, enquanto sua privação é causa de tristeza e inquietação, e assim expõe São Tomás: “E quando a posse do bem é realizada, não há mais outro movimento no apetite senão o repouso no bem possuído; e isso pertence à alegria, que é uma paixão do concupiscível” (AQUINO, 2001, I-II, Q. 23, a.3, resposta).

Mas se a Santíssima Virgem já possuía a Deus, fonte de toda a alegria, pois era imaculada e permaneceu sempre na graça de Deus, como pôde o Arcanjo exortá-la a alegrar-se? Que podia faltar-lhe? O que poderia ainda ser acrescentado a sua alegria? Pois, como diz Santa Teresa de Jesus em um de seus poemas, “*quien a Dios tiene, nada le falta*” (TERESA DE JESUS, 2002, p.980).

Certamente a caridade da Santíssima Virgem desejava a graça para todo o mundo. Ela desejava a Redenção de todos, Ela aguardava, Ela esperava. Faltava-lhe o Messias. A Santa Virgem conhecia as profecias nas quais Deus prometera um Redentor. Ela sabia que era preciso esperar, que era preciso suplicar para obter de Deus essa grande graça. Essa disposição do coração de Maria nos é manifesta quando Ela canta, com alegria, o *Magnificat* e recorda que Deus foi fiel à sua aliança, à promessa do Messias: “Acolheu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e a sua descendência, para sempre” (Lc 1, 54).

A Igreja dá à Santíssima Virgem o título de *Regina Pacis* (Ladainha lauretana), o que é justíssimo. Porque Ela tinha a paz em grau sumo; pois, possuindo a Deus pela graça, seu coração repousava no único e verdadeiro bem, sem ter necessidade de

nenhuma outra coisa. Essa posse de Deus dava-lhe pleno contentamento, ou seja, a satisfação de todos os desejos de seu coração.

Assim, a alegria perfeita nasce desse contentamento, fruto da posse de Deus, bem infinito que, uma vez possuído, faz com que não se deseje mais nada. “*Solo Dios basta*” (TERESA DE JESUS, 2002, p.980), como bem o diz Santa Teresa de Jesus, pois os bens menores que Deus não são capazes de satisfazer nossa sede do bem.

Jesus lhe respondeu: se tu conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz [,,,] Jesus lhe respondeu: quem quer que beba desta água ainda terá sede; mas o que beber da água que eu lhe darei não terá mais sede (Jo 4,15).

Essa Virgem feliz, Rainha da Paz, obteve de Deus o poder de estender esse reino a todos os homens. Em seu coração, Ela poderia dizer, como a Samaritana, “Senhor, dai-me dessa água, a fim de que eu não tenha mais sede” (Jo 4, 15), com uma diferença: a Samaritana pedia para si; porém a generosidade, a caridade universal da Virgem pedia e alcançou para todos os homens: “Não temas Maria, pois encontraste graça junto de Deus” (Lc 1,30). Ela pediu o vinho da graça divina para aqueles que não o tinham: “a Mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho” (Jo 2, 3).

### **3 - A ALEGRIA NOS SACERDOTES**

Tal é a mãe, tais devem ser os padres que querem ser seus filhos. Devem, antes de mais nada, ouvir com alegria a voz de Deus que os chama, como fez a Santíssima Virgem, pois o chamado revela um amor especial de Nosso Senhor, um amor que convida a segui-lo de mais perto, “meu amigo, vem mais para cima. E isso será uma glória para ti” (Lc 14, 10). Sim, uma glória, uma grande alegria ter sido escolhido por Nosso Senhor. É preciso que o padre entre no serviço de Deus, como o Arcanjo recomendou a Maria, com alegria: “Servi ao Senhor com alegria. Entrai em sua presença com júbilo” (Sl 15, 5), e ter sempre diante dos olhos que “Deus ama os que dão com alegria” (II Cor 9,7). Que fecundidade, que poder, tem a alegria espiritual.

O sacerdote deve ser um homem de alegria, a qual decorre da presença divina em sua alma, pois ninguém pode dar aquilo que não tem. Sua riqueza deve ser Nosso Senhor, sua parte, sua herança, como nos diz o salmo: “Tu, Senhor, és a parte da minha herança e do meu cálice” (Sal 15,5). É necessário que o sacerdote tenha um

amor de preferência, de dileção por Nosso Senhor Jesus Cristo, considerando-o como o maior e mais excelente bem de sua vida “Fazei sempre mais crer em ti, em ti ter esperança, te preferir” (LIBER USUALIS, 1961, p.1855)<sup>7</sup>.

A exemplo da Santíssima Virgem, o padre é alguém que possui o poder de tornar felizes as pessoas, pois ele pode levar Jesus às almas por meio de sua pregação, pelos sacramentos, os quais são as portas do céu, as portas da verdadeira alegria.

A alegria do padre é o testemunho daquilo que ele diz, do que ele faz, e do que ele escolheu, pois é pelo efeito que se conhecesse a causa. A alegria, que deve ser visível no padre, torna visível a excelência de Deus invisível presente em sua alma, em sua vida. Cabe de modo especial ao padre dar testemunho de que Deus está acima de todas as coisas, para preencher, satisfazer todas nossas aspirações. Nosso Senhor é por Ele mesmo todas as delícias – “Que contém em si todo o deleite” (PAULO VI, Papa, 1944, p. 88) – as delícias de todos os santos “Coração de Jesus, delícia de todos os Santos” (BREVIARIUM ROMANUM, 2008, vol 2 p. (35) tradução nossa) e até mesmo as delícias de Deus Pai: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17,5) e também noutro lugar: “E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3 ,17) “porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude” (Col 1,19).

Por isso, quem possui a Jesus Cristo, possui tudo, e não há razão para se deixar ir à tristeza, “*quien a Dios tiene, nada le falta*” (TERESA DE JESUS, 2002, p. 980). À mesma conclusão chega Padre Spic, porém de modo mais explícito afirma:

Ou seja, um padre queixoso, tristonho, sempre se lamentando da perversidade dos tempos, da corrupção dos costumes e das adversidades quotidianas, não somente blasfema a impecável Providência, senão que também não dá a Deus a glória que Lhe é devida pela confissão de sua sabedoria e de seu amor; O padre, que tem a virtude da piedade, privilegiado por Deus, tem o dever de manifestar seu contentamento em estar a serviço de Deus, de cantar sua gratidão pelos bens com que ele é cumulado, pelas proteções das quais ele se sente envolvido, pelas certezas de que ele mesmo tem sobre o que está por vir.

Sua alegria é culto que deve ser tributado a seu Bem-feitor e ela é um apostolado eficaz para todos aqueles que aspiram à felicidade e ignoram o segredo dela. [...]

---

<sup>7</sup> Hino composto por S. Tomás de Aquino para o ofício da Festa de *Corpus Christi*, em 1263)

Os verdadeiros devotos são sorridentes, eles têm alma expandida... Como diz Santo Agostinho, '*doleat et de dolore gaudeat*'<sup>8</sup>  
 'Santo Domingos [de Gusmão], no dizer dos testemunhos que depunham ao longo do processo de sua canonização, estava sempre alegre e sorridente' (SPIC, 1946, p. 45).

Ainda que possa existir aqui uma tristeza honesta, é melhor ater-se ao que nos ensina o Espírito Santo a respeito da má tristeza: "Pois a tristeza matou a muitos e ela não é útil a ninguém" (Eclo 38,19) "Não entregues teu coração à tristeza; mas aparta-te dela e recorda-te do fim último" (Eclo 38,21).

A tristeza do povo de Deus ao servi-lo foi a causa da sua ruína, e do exílio: "Estarão sobre ti por sinal e por maravilha, como também sobre a tua descendência para sempre. Por não haveres servido ao Senhor teu Deus com gosto e alegria de coração" (Dt 28,46-47).

É preciso exercitar-se na ascese da alegria, e aprender a estar contente mesmo no sofrimento: "Retiraram-se pois da presença do sinédrio, regozijando-se de terem sido julgados dignos de sofrer afronta pelo nome de Jesus. " (Act. 5,41). É preciso aprender a permanecer sempre felizes "*semper autem gaudentes*"<sup>9</sup> (II Cor 6,10). "Eis aqui o meu servo [...] Ele não será triste" (Is. 42,1,4).

Foi através da Santíssima Virgem que A Alegria entrou no mundo, e é por meio do sacerdote que esta Alegria continua a entrar. Nossa Senhora tornou-se na Encarnação "*Causa nostrae laetitiae*"<sup>10</sup> (Ladainha Laurentana), a Mãe da alegria. Ora, o padre deve seguir sua Mãe "Filho eis aí tua mãe" (Jo 19,27) e ser, também ele, um Pai da alegria, dando Jesus Cristo às almas.

A alegria do padre será um dos importantes elementos da eficácia de suas obras e, muito frequentemente, ela pregará em seu lugar. Entretanto, para obtê-la é necessária a santidade, que é o sol da qual ela se desprende: "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros" (Sl 44,8).

<sup>8</sup> Sofra, e pelo sofrimento se alegre.

<sup>9</sup> Porém, sempre alegres.

<sup>10</sup> Causa da nossa alegria.

A encarnação do Verbo se deu por meio da correspondência da Virgem Maria à convocação à alegria, e é imitando a Virgem Santíssima, correspondendo alegremente ao chamado de Cristo à vida sacerdotal, ouvindo atentamente os conselhos desta mãe e formadora do sacerdócio: “Não abandones a instrução de tua mãe” (Pr 6,20), que o sacerdote atrairá o Verbo à sua alma, e assim para a de todos os demais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a Sagrada Escritura, quer consideremos o plano da criação, quer o plano da redenção nos deparamos com a figura da Virgem Maria. Por um mistério da vontade divina o reestabelecimento da comunicação entre Deus e os homens se fez também por meio de sua cooperação.

À figura central de Cristo sacerdote, quis Deus associar a humilde Virgem Maria, a qual tendo-o gerado e levado em seu seio, levou mística e profeticamente toda a Igreja, todos os sacerdotes.

Sem dúvida o papel maternal e educador da Virgem Maria é um elemento essencial estabelecido por Deus, seguido por Jesus Cristo Deus e homem verdadeiro, sacerdote eterno, para a formação espiritual do sacerdote.

Desse modo, quando a figura sacerdotal perde nitidez, convém voltar às suas bases profundas para restaurá-lo em sua clareza original. Ao lançar o olhar para os fundamentos, desenvolvimento e aprimoramento do sacerdócio nos deparamos com a santa Mãe de Jesus.

Assim como Jesus Cristo quis ser batizado, não porque Ele tivesse necessidade de justificação, pois Ele é Santíssimo, mas sim por querer com esse gesto santificar as águas futuras do batismo da nova aliança, e também para dar exemplo e ser imitado por seus futuros discípulos, assim também Ele quis ser educado na escola de Maria, ainda que não tivesse absolutamente necessidade dela, no interior de Maria quis ser formado durante nove meses, viver na companhia dela durante trinta anos, a fim de santificar esta 'escola', esta formadora, transformá-la num molde divino e sacerdotal, e dar exemplo a todos os sacerdotes de como virem a ser perfeitos sacerdotes do Altíssimo.

O seguimento de Jesus, a perfeita configuração a Ele, passa pela Virgem Maria, pela aceitação de sua instrução, pela imitação de suas virtudes, pois só são filhos devotos aqueles que imitam as suas virtudes, entre as quais se destaca, em primeiro lugar, como procuramos mostrar, a alegria espiritual.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia comentata da Ettore Zolesi*. Roma: Armando, 2003.
- AGOSTINHO DE HIPONA. *A Trindade*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- AQUINO, Tomas de. *Suma Teológica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARNAUD, J.-L. *Prêtre catholique en Europe occidentale aujourd'hui : un "métier" en constante mutation*. Jean-Pierre Deville (dir.), *Mutations des religions et identités religieuses*. Paris – Louvain-la-Neuve, Mame/Desclée – Institut Religions Spiritualités Cultures Sociétés, 2012.
- BENTO XVI. *O nexo entre Nossa Senhora e o sacerdócio. Audiência Geral de 12 de agosto de 2009*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20090812.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090812.html), Acesso em 22 agosto 2014.
- BONAVENTURE, Saint OFM. *Breviloquium*. New York: Franciscan Institute Publication, 2005.
- EUDES, João. *Le coeur admirable de la très-sacrée Mère de Dieu, ou La Devotion au très-saint Coeur de la bien-heureuse Vierge Marie*. Caen: Jean Poisson, Imprimeur&Libraire, 1681.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso à Pontifícia Comissão Bíblica, 12 de abril de 2013*. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/april/documents/papa-francesco\\_20130412\\_commissione-biblica.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/april/documents/papa-francesco_20130412_commissione-biblica.html), Acesso em 22 de agosto 2014.
- JOÃO PAULO II, Papa. *A devoção a Maria Santíssima na vida do presbítero. Audiência Geral de 30 de junho de 1993*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1993/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19930630.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1993/documents/hf_jp-ii_aud_19930630.html), Acesso em 27 de agosto de 2014.
- \_\_\_\_\_ *Congregação para o Clero - Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html), Acesso em 27 de agosto de 2014.

- \_\_\_\_\_ *Redemptoris Mater*. Disponível em:  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html), Acesso em 27 agosto de 2014.
- LANDUCCI, P. C. *Maria Santissima nel Vangelo*. Milão: San Paolo, 2000.
- LEÃO XIII, Papa. *Providentissimus Deus*. Coimbra: Imprensa da universidade, 1903.
- LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. SEI: Torino, 1987.
- VATICANA, Editione. *Liber usualis missae e officii*. Desclée & Socii: Belgium, 1961.
- MARMION, Dom Columba. *Le Christ idéal du prêtre*. Belgique: Maredsous. 1952.
- MATOS, Soares. *Bíblia Sagrada*. Porto: Tipografia Sociedade de Papelari, 1956.
- MONTFOR, L. G. *Oeuvres completes*. Tours: Éditions du Seuil, 2002.
- PAISSAC, H. *Théologie du Verbe – Saint Augustin et Saint Thomas*. Paris: Cerf, 1941.
- PIO X, Papa. *Ad Diem illum laetissimum*. 1904.
- PLESSIS, Armand. *Commentaire du Traité de la vraie devotions*. Bretagne: Séminaire des Missions à Montfort-sur-Meu en Ille-et-Vilaine, 1948.
- \_\_\_\_\_ *Manuel de Mariologie Dogmatique*. Bretagne: Séminaire des Missions à Montfort-sur-Meu en Ille-et-Vilaine, 1947.
- PAULO V, Papa. *Rituale Romanum*. Vaticano: Vaticanam, 1944.
- RODRÍGUEZ, Alonso. *Ejercicios de Perfección y Virtudes Cristianas*. Editorial Apostolado de la Prensa, S.A. 8. ed. Madrid. 1954.
- ROSCHINI, Gabriel Padre O.S.M.. *Instruções Marianas*. São Paulo: Paulinas, 1960.
- SPICQ, Pére C. O.P. *Spiritualité Sacerdotale d'après Saint Paul*. Paris: Cerf, 1946.
- TRINITE, Elisabeth de La. *Œuvres Complètes*. Cerf: Paris, 1991.